

- 1) Schelling, *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza*, ed. Schröter, pp. 63-64.

A afirmação, portanto, de que realmente as diferentes organizações se formaram umas das outras por desenvolvimento paulatino é um mal entendimento de uma ideia que se encontra realmente na razão. A saber: todas as organizações individuais em conjunto devem, no entanto, *se equivaler* [*gleich gelten*] num único produto; isso só seria pensável, se a natureza tivesse tido, em todos eles, um único e mesmo protótipo [*Urbild*] por assim dizer [*gleichsam*]¹ diante dos olhos.

Esse protótipo seria o absoluto, o *assexuado*, que já não é nem indivíduo, nem gênero, mas *ambos ao mesmo tempo*, no qual, portanto, indivíduo e gênero coincidem. Essa organização absoluta não poderia, por isso, ser exposta por um produto particular [singular = *einzelnes*], mas apenas por uma infinidade de produtos singulares, que, tomados isoladamente [*einzeln*], se afastam ao infinito do ideal, sendo, porém, congruentes com ele no todo. Ora, que a natureza, portanto, expresse no conjunto um tal original absoluto por meio de todas as suas organizações, pode ser demonstrado unicamente quando se mostre que toda diferença dos organismos é apenas uma diferença de aproximação daquele absoluto, que então seria o mesmo para a experiência, como se eles fossem originalmente apenas desenvolvimentos diferentes de uma única e mesma organização.

- 2) Schelling, *Exposição do meu sistema da filosofia*, ed. Schröter, vol. 3, p. 27.

*Todo ser individual [singular, isolado = *einzeln*] é, como tal, uma forma determinada do ser da identidade absoluta, mas não o ser dela mesma, que só é na totalidade.*

Pois todo ser individual ou finito está posto por uma diferença quantitativa da subjetividade e da objetividade (§ 37), que é, por sua vez, determinada por um outro ser individual, isto é, por uma outra diferença quantitativa determinada da subjetividade e da objetividade. – Ora, subjetividade e objetividade em geral (§ 22) é a forma do ser da identidade absoluta, a diferença quantitativa determinada de ambas, portanto, é a forma determinada do ser da identidade absoluta, mas, justamente por isso, não o ser *mesmo* dela, que só está na indiferença quantitativa da subjetividade e objetividade, isto é, somente na totalidade.

- 3) Schelling, *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza*, edição Schröter, pp. 64-65.

¹ O *gleichsam* está entre colchetes na edição Schröter.

Ora, como aquele produto não existe em parte alguma (mas ele está sempre apenas *em devir*, portanto não é nada de fixado), a maior ou menor distância de uma organização em relação a ele (enquanto o ideal) também só pode ser determinada por comparação com ele. Mas como, na experiência, tais aproximações de um ideal comum têm de dar o mesmo fenômeno que seriam dados pelos desenvolvimentos de uma e mesma organização, a prova para a primeira visão é dada quando se dá a prova da possibilidade desta última.

[Em nota] Caso se deixe *provar* que as organizações podem ser vistas como diferentes desenvolvimentos de uma mesma e única organização, com isso mesmo também se prova que a natureza exprimiu um mesmo e único original nelas todas. Ora, essa prova já foi tentada de toda maneira, quando se quis demonstrar uma continuidade de todas as formas na natureza. É que essa continuidade das formas não expressa senão justamente o parentesco interno de todas as organizações, como descendentes comuns de um único e mesmo tronco.

Essa prova poderia ser levada a termo por comparação das semelhanças e das diferenças, em escala crescente, quer na *construção externa* das organizações, quer na *estrutura de seus órgãos*, que é obra de uma *anatomia comparada*. Por meio dela se poderia chegar aos poucos a uma ordenação muito mais natural do sistema da natureza orgânica do que foi possível pelos métodos empregados até agora [em nota, crítica à dureza do sistema classificatório de Lineu]. Entretanto, visto que a *figura exterior* mesma é apenas fenômeno da proporção original interna das funções orgânicas, na busca dessas proporções, o que proporcionaria uma fisiologia comparada (*Physiologia comparata*) jamais tentada, se obtém um princípio muito mais simples da especificação do que na diferença da figura e na estrutura orgânica, embora esta possa servir ao menos de fio condutor para aquela.

4) Herder, *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*, ed. dkv, p. 95-96

O elefante, por informe que pareça, dá suficientes razões fisiológicas de sua vantagem sobre todos os animais vivos, vantagem tão próxima do homem. Seu cérebro, de fato, não é exorbitante para a grandeza do animal, entretanto, as cavidades dele [do cérebro] e toda a sua constituição [Bau] é muito semelhante à humana. “Fiquei espantado”, diz Camper, “de encontrar uma semelhança destas entre a *glandula pinealis*, os *nates* [nádegas] e *testes* [testículos] desse animal com os de nosso cérebro [*corpora quatrígemina*]; se em alguma parte pode se encontrar um *sensorium commune*, ela deve ser procurada aqui”. O crânio é pequeno em relação à cabeça, porque as fossas nasais correm bem alto no cérebro, enchendo de ar não apenas a testa, mas também outras cavidades, pois para mover os pesados maxilares seriam exigidos músculos fortes e grandes superfícies, que a mãe formante, para poupar um peso insuportável à criatura, encheu de ar. O cérebro não se encontra acima do cerebelo e não o oprime com

seu peso; a membrana divisória cai verticalmente. Os inúmeros nervos do animal se voltam em sua maior parte para os sentidos mais finos, e a tromba sozinha recebe tantos deles quanto todo o seu corpo gigantesco. Os músculos que a movem, nascem da testa: ela é totalmente desprovida de cartilagem, instrumento do sentimento delicado, de um olfato fino e dos movimentos mais ligeiros. Nele, portanto, vários sentidos se juntam e se regulam uns aos outros. O olho espirituoso [*geistvoll, gracioso, esperto*] do elefante (que também tem pestanas e um músculo delicado, como o homem e como mais nenhum outro animal) tem, por isso, os sentidos mais finamente sensíveis para os vizinhos, e eles estão separados do paladar, que, no mais, arrebatava o animal. O que nos outros animais carnívoros costuma ser a parte predominante do rosto, a boca, é posta aqui bem abaixo e fica quase escondida sob a testa saliente e sob a tromba elevada. Ainda menor é a sua língua: as armas de defesa que traz na boca são diferentes dos órgãos de nutrição; ele não foi formado, portanto, para a voracidade. Seu estômago é simples e pequeno, por maiores que as vísceras tinham de ser; verossimilmente, pois, a fome enfurecida não o atormenta, como ao predador. Ele escolhe as ervas pacífica e asseadamente, e porque olfato e boca estão separados, ele precisa para isso de mais precaução e tempo. A natureza o formou para a precaução no beber e em toda a pesada constituição de seu corpo, de modo que a acompanha desde o início até seu acasalamento. Nenhum impulso sexual o embrutece: pois a elefanta gesta por nove meses, como o homem, e amamenta o filho nos peitos dianteiros. As proporções das idades de vida, para crescer, florescer e morrer, são iguais às do homem. Quão nobremente a natureza não transformou os dentes incisivos em presas, e quão fino deve ser o seu órgão de audição, já que ele entende a fala humana nas finas diferenças do comando e dos afetos. Suas orelhas são maiores do que em algum outro animal, mas delgadas e voltadas para todas as direções: sua abertura fica no alto, e toda a parte posterior da cabeça, embora pequena, é uma cavidade de ressonância, cheia de ar. A natureza soube assim aliviar o peso da criatura, e emparelhar a maior força muscular com a mais fina economia dos nervos; um rei dos animais na sábia tranquilidade e na pureza compreensiva dos sentidos.